

Samsara Participativo: a Abordagem do Meme Verde ao Mistério do Divino¹

KEN WILBER

Tradução de Ari Raynsford (www.ariraynsford.com.br)

Revisão de Aline Setti e Darcy Brega

Joan Hazelton ergueu os olhos e sorriu.

"A espiritualidade boomerite² apresenta uma longa sombra, tocando tudo, desde a Nova Era aos Novos Paradigmas, da psicologia transpessoal à espiritualidade nascida da terra, do Budismo boomerite aos estados alterados, da espiritualidade radical ao divino egoísmo. Um pouco mais tarde, examinaremos os contornos reais da espiritualidade boomerite em detalhes.³ Por enquanto, vamos degustar brevemente seu sabor acadêmico."

"Ken, eu estava me perguntando: se um romance pós-moderno tivesse notas finais e..."

"Por que diabos um romance teria notas finais?"

"Eu não sei. Autor confuso, não consegue calar a boca, necessita levar tudo em conta. Deixe-me terminar. Se um romance pós-moderno tivesse notas finais e no romance os personagens fossem bidimensionais, isso não significaria que, nas notas finais, eles seriam apenas unidimensionais?"

"Acho que sim, não sei. Tudo que sei é que sinto que estou evaporando, meio que definhando, ficando pálido e anêmico e... Kim...? Kim?..."

"Olha, seria assim. Em qualquer romance genuinamente pós-moderno, personagens tridimensionais seriam reduzidos a personagens bidimensionais –

¹ Adendo F do livro *Boomerite – Um Romance que Tornará Você Livre*, de Ken Wilber. (N.T.)

² Boomerite é um termo cunhado por Ken Wilber para representar a patologia do meme verde: pluralismo verde infectado por um exacerbado narcisismo vermelho. Nesta tradução, ele é usado como substantivo ou adjetivo. (N.T.)

³ Ver "Budismo Boomerite" (Adendo H do romance *Boomerite* de Ken Wilber), publicado em www.ariraynsford.com.br. (N.T.)

personagens *flatland*⁴ do pós-modernismo *flatland* – e então, eu aposto, nas notas finais, os personagens bidimensionais se tornariam unidimensionais, certo?"

"Eu acho que sim."

"Então, como você acha que eles seriam?"

"Muito mal-humorados?"

"Uma das apresentações mais sofisticadas de uma espiritualidade do meme verde (ou seja, eventos espirituais autênticos interpretados pelo meme verde pluralista, criando uma espiritualidade ressonante e legítima, uma vez que consiga ser expressa no âmbito dos campos mórficos da onda de consciência verde) pode ser encontrada no livro *Revisioning Transpersonal Theory: A Participatory Vision of Human Spirituality* [Revendo a Teoria Transpessoal: Uma Visão Participativa da Espiritualidade Humana] de Jorge Ferrer. Claro, só porque é uma abordagem do meme verde não significa que não tenha valor. Como vimos, há 50 milhões de americanos iluminando a onda verde, e esses tipos de livros falam diretamente a essas almas queridas." Joan fez uma pausa. "Mas, como estávamos dizendo, frequentemente resultam certas consequências dessas abordagens do meme verde, e elas também se apresentam neste livro e em um artigo sobre ele publicado no *Journal of Transpersonal Psychology*. Vamos comentá-los brevemente, o que vocês acham?"

Hazelton começou a andar de um lado para outro. "O artigo intitula-se 'A New Birth in Freedom [Um Novo Nascimento em Liberdade]' e seu autor é Richard Tarnas. Infelizmente, ele é um tanto mesquinho e vingativo; como acontece com todas as posturas do meme verde, há que se criar vítimas e opressores, e, assim, o artigo condena, imediatamente, vários pioneiros verdadeiramente brilhantes no campo da Psicologia Transpessoal – de Abraham Maslow a Stan Grof – de crimes absolutamente horríveis, como querer suprimir e oprimir a liberdade." Joan revirou os olhos, sacudiu os ombros e sorriu. "De qualquer forma, o articulista parece estar tentando, honestamente, resolver as coisas usando uma lente do meme verde. No entanto, na minha opinião, o texto completo descamba rapidamente para

⁴ Wilber extraiu este termo do livro de Edwin A. Abbott, *Flatland: A Romance of Many Dimensions*, de 1884, que trata de um mundo de duas dimensões inspirado na geometria. Em uma tradução literal: terraplana (outras traduções encontradas: uniformidade, planura, planície). *Flatland* é um dos conceitos fundamentais do pensamento wilberiano, daí por que optei por não o traduzir, pois qualquer tentativa nesse sentido enfraqueceria a ideia. (N.T.)

boomerite. Em função disso, o que vocês imaginam que o artigo afirma ter encontrado?"

Joan olhou calmamente para a plateia, enquanto vários alunos gritavam: "O novo paradigma!"

"O *revolucionário* novo paradigma. Sim, queridos amigos, receio que sim. Vocês provavelmente se lembram dos pontos principais da aula 8 – dada por Margaret Carlton, Derek, Lesa e outros – sobre boomerite afirmar, como um dos seus importantes baluartes, possuir 'o novo paradigma'.⁵ Vocês realmente não serão capazes de seguir o que estou prestes a dizer, a menos que tenham compreendido os pontos básicos que eles mencionaram; portanto, certifiquem-se de que estão familiarizados com eles antes de prosseguir.

"De qualquer forma, o articulista afirma que existe atualmente um novo paradigma revolucionário que, afinal, dará início à grande revolução psicológica que muitos tentaram ao longo da história, falhando fragorosamente. Até agora. Este novo paradigma, que é 'cuidadoso', 'amoroso', 'compartilhado' e 'participativo', substituirá o antigo paradigma, que é 'indiferente', 'marginalizante', 'classificador' e 'hierárquico'. Oh céus! O maior paradigma psicológico e espiritual já inventado! Onde já ouvimos isso antes?" Por enquanto, a plateia ainda ria bem-humorada; aparentemente, nenhuma das pessoas estava envolvida nessa demonstração particular de pretensões grandiosas; elas podiam se dar ao luxo de ouvir. "Uma afirmação essencial do livro, e certamente do artigo, é que o autor deste novo paradigma revolucionário finalmente compreendeu o genuíno significado do pós-modernismo. Como o articulista assevera: 'Este livro, em contraste [com todas as abordagens anteriores, que não conseguiram entender de fato o pós-modernismo], absorveu o significado completo da virada pós-moderna em seu núcleo mais profundo e insubstituível; ele apresenta uma compreensão radicalmente *participativa* e *pluralista* de realidades espirituais, práticas espirituais e conhecimento espiritual... uma pluralidade de fundamentos espirituais autênticos.'

"Bem, a afirmação do articulista de que só o autor do livro e ele finalmente entenderam o significado completo da espiritualidade pós-moderna é, em certo sentido, verdadeira, pois o livro é basicamente uma declaração robusta e enérgica do meme verde, e o cerne do pós-modernismo é o sistema de valores do meme verde. Porém, lamento dizer, parece ser um verde um pouco fragmentado, desconectado de quaisquer construções verdadeiramente integrais e, portanto,

⁵ Ver *Boomerite – Um Romance que Tornará Você Livre*, de Ken Wilber, capítulo 8 – O_Novo_Paradigma@NosFascina.org. (N.T.)

sem conseguir mergulhar, de fato, nas profundezas reais do pós-modernismo, já que o autor e o articulista ainda não parecem ter chegado a um acordo adequado com a dimensão profunda da *intersubjetividade* e suas *genealogias* – delineada pelos maiores pós-modernistas construtivistas. Eles falham ao não considerar o desdobramento hermenêutico de horizontes que a genealogia pós-moderna produziu – a compreensão de que ondas de consciência enagem⁶ e geram visões de mundo cocriadas, visões de mundo que promovem em si mesmas julgamentos sobre suas visões menos profundas, menos abrangentes, menos inclusivas. Carla Fuentes abordou isso detalhadamente em sua última aula.⁷ E vocês podem rever esses pontos centrais.

"Cada visão de mundo de primeira camada alega ter 'um fundamento espiritual autêntico' – até mesmo os Nazistas e a Ku Klux Klan alegavam – para não mencionar o autor do livro e o articulista. Meramente afirmar que sua abordagem libertou-se do pensamento cartesiano – é claro, essas pessoas alegam ter transcendido o Globo Ocular Monológico Cartesiano, quando, na verdade, como demonstrou Mark, elas simplesmente o magnificam⁸ – de qualquer maneira, apenas afirmar que a abordagem deles escapou do pensamento cartesiano (foi além do empirismo intrapessoal, livrou-se de uma camisa de força científica – uma proposição intencionalmente deturpada – e abriu o horizonte para um Samsara Participativo totalmente libertador) não é suficiente para esconder suas deficiências e rupturas internas: o articulista só consegue prosseguir declarando, em epígrafos ptolomaicos, como tudo isso é libertador, já que agora, finalmente, '*ninguém pode me dizer o que fazer!*' – daí '*o novo nascimento em liberdade*', um grito boomerite de 'você' e 'livre' ressoando novamente pelas estruturas de sonhos desbotados.

"O fato, queridas almas, é que o *background* intersubjetivo (o Quadrante Inferior Esquerdo) – o ponto crucial dos grandes *insights* do pós-modernismo construtivista – é, na verdade, muito, muito mais predominante do que o autor ou o articulista parecem perceber. Como vocês sabem, o Modelo Integral ou de Quatro Quadrantes foi projetado para incorporar uma profunda intersubjetividade

⁶ *Enagir*, neologismo cunhado pelos biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela a partir da expressão espanhola *en accion*, com o significado de "atuar". (N.T.)

⁷ Ver "Quem Comeu o Capitão Cook?" (Adendo A do romance *Boomerite*, de Ken Wilber), em www.ariraynsford.com.br. (N.T.)

⁸ Ver "O Gênio Descartes Leva uma Surra Pós-Moderna" (Adendo E do romance *Boomerite*, de Ken Wilber), em www.ariraynsford.com.br. (N.T.)

genealógica "infinitamente para baixo". Porém, em vez de chegar a um acordo com essa intersubjetividade genealógica – a lição mais sofisticada do pós-modernismo, cujo desdobramento de horizontes hermenêuticos gera julgamentos sobre estados menos integrais⁹ – o autor e o articulista apenas afirmam que assimilaram, plena e totalmente, as lições da pós-modernidade e, portanto, estão livres da filosofia do sujeito, ao passo que – como Lesa Powell demonstrou em sua aula – esses autores a exemplificaram dramaticamente.¹⁰ Ambos ainda caem em variações do reducionismo *flatland* – eles reconhecem o Quadrante Inferior Esquerdo, mas aplainam suas ondas de desdobramento – e, assim, reduzem a intersubjetividade genealógica ao equivalente à liberdade pluralista do ego de fazer o que quiser.

"Bem, almas queridas, se quiserem ler uma boa crítica desse tipo de pós-modernismo *flatland*, com base em uma compreensão mais completa da intersubjetividade genealógica, consultem 'Sean Hargens deconstructs Christian de Quincey [Sean Hargens desconstrói Christian de Quincey]'. A ideia básica é que a abordagem pós-moderna evidenciada no artigo e no livro é apenas metade do caminho para as dimensões completas da emergência pós-moderna e, portanto, apenas metade do paradigma fundamental do Iluminismo que eles afirmam ter desconstruído e implodido totalmente, superando aquilo que as suas abordagens exemplificam sutilmente. Como dissemos, Carla Fuentes falou extensivamente sobre os dois caminhos através do mundo pós-moderno – pós-modernismo *pluralista* e pós-modernismo *genealógico* (ou, de um ângulo ligeiramente diferente, pluralismo *etnocêntrico* e pluralismo *mundicêntrico*) – e vocês também podem verificar os *insights* dela e ver se eles fazem algum sentido.¹¹

"As autocontradições performativas da abordagem de meme verde do autor e do articulista – que muitas vezes resvalam para o meme verde mau e toda sua retórica condenatória implícita – são aparentes por toda parte. O articulista afirma explicitamente que há uma 'pluralidade de fundamentos espirituais autênticos' – de forma que nenhum deles pode ser julgado ou condenado conforme padrões externos – para, em seguida, passar a condenar energicamente todas as expressões de que o articulista e o autor não gostam. As abordagens condenadas são,

⁹ Ver "Quem Comeu o Capitão Cook?" (Adendo A do romance *Boomerite*, de Ken Wilber), em www.ariraynsford.com.br. (N.T.)

¹⁰ Ver capítulo 9 de *Boomerite* e, em especial, o Apêndice ao final do presente texto (Nota 4 do capítulo 9 de *Boomerite*). (N.T.)

¹¹ Ver "Quem Comeu o Capitão Cook?" (Adendo A do romance *Boomerite*, de Ken Wilber), em www.ariraynsford.com.br. (N.T.)

basicamente, aquelas que o articulista afirma negarem a "pluralidade diversa" de perspectivas possíveis – o que infelizmente é, exatamente, o que o autor e o próprio articulista fazem página após página, onde as abordagens que eles desaprovam não recebem o mesmo amor, compartilhamento, abraço carinhoso, quanto seus valores pessoais próprios; em vez disso, recebem da parte deles um desprezo vulcânico mal disfarçado."

Joan Hazelton balançou a cabeça e voltou a andar. "Essa postura condenatória é confirmada quando o articulista apresenta o que ele chama de história histórica do movimento da Psicologia Transpessoal." Joan ergueu os olhos e sorriu. "É mais ou menos assim: o movimento transpessoal original – exemplificado, diz o articulista, por Abraham Maslow – ainda estava sob o domínio do mesquinho, desagradável e brutal Iluminismo ocidental." Ela ergueu os olhos. "Vamos lá, pessoal, ajudem-me: o Iluminismo ocidental!" A plateia vaiou: "Buuuuuuu!" "Muito bem!" disse ela, rindo. "E essa teoria de classificação nojenta e marginalizante simplesmente negou a luz do dia a todos os filhos de Deus, vocês não sabiam? Então, um teorizador atencioso, sensível e amoroso apareceu, substituindo hierarquia por heterarquia, classificação por ligação, lógica bivalente rígida por compartilhamento pluralista, verdades universais horríveis por celebrações de diversidade agradáveis... pessoal?! " A plateia gritou "Siiiiimmm!" "É mais ou menos parecido com isso!", ela riu.

"Bem, vocês entenderam. Abraham Maslow, claro, é um de cerca de meia dezena dos maiores psicólogos que este país já produziu, para o articulista afirmar que ele e seu amigo triunfaram onde Maslow fracassou..." Joan balançou a cabeça. "Bem, eu lhes afianço, almas queridas: desde que acompanho boomerite, a grandiosidade de algumas afirmações do ego ainda me derrubam completamente. Estou meio sem palavras. A arrogância pura é..." Ela meneou novamente a cabeça.

"Vamos direto ao ponto. Uma das afirmações centrais do livro e do artigo é que o paradigma do Iluminismo ocidental – e o pobre movimento inicial da Psicologia Transpessoal, com Maslow, junto com alguns outros teorizadores que, aparentemente, são tão indescritivelmente horríveis a ponto de o articulista sequer mencionar seus nomes – apresentava o que o articulista chama de 'compromisso cada vez mais intenso com uma única verdade universal absoluta'. Não importa que não se conheça um único teorizador importante que realmente acredite nisso¹², inclusive Maslow (que se curvou perante o Mistério do Divino). Independentemente de tal libelo, o ponto interessante é que, com a contradição

¹² Ver "Espiritualidade na Infância" (Adendo D do romance *Boomerite*, de Ken Wilber), publicado em www.ariraynsford.com.br. (N.T.)

performativa nas mãos, tanto o articulista quanto o autor – esses revolucionários teorizadores do novo paradigma, os primeiros a esclarecer totalmente as verdades do pós-modernismo para a espiritualidade – estabelecem sua própria metateoria que, implicitamente, afirmam ser a forma única, correta, absoluta e universal para compreender e expressar a espiritualidade; e esta metateoria é, então, usada para rejeitar ou confirmar, confiavelmente, tradições espirituais e perspectivas filosóficas particulares, de acordo com critérios abstratos específicos – a saber, aqueles do sistema de valores do meme verde, beirando aqui o meme verde mau, já que seus autores o exercem com brutal força condenatória. Eles asseveram, implicitamente, que este sistema de classificação de metavalores, que consideram ser participativo e tolerante, é a única forma correta de conceber e perceber o Mistério do Divino.

"Em outras palavras, o autor e o articulista não acreditam, de fato, que haja uma pluralidade de fundamentos; na verdade, não acreditam que haja muitas ondas na praia. Ao invés, acreditam que o pluralismo participativo é a única forma verdadeira e correta de encarar a espiritualidade. Eles não acreditam que o pluralismo seja verdadeiro para aqueles que acreditam nele, e o absolutismo seja igualmente verdadeiro para aqueles que acreditam nele. Eles acreditam que o pluralismo é a única postura essencialmente correta, ponto final. Assim, sua visão é a única que existe para todas as pessoas, em todos os lugares, quer essas pessoas a conheçam ou não, gostem dela ou não.

"Esse é o cerne da crítica de Lesa. A abordagem pós-moderna que nega universais fortes (e, ao invés, postula uma pluralidade de verdades últimas igualmente válidas) faz isso criando uma *metalinguagem* e uma série de vigorosas *meta-afirmações*, e essas meta-afirmações em si NÃO são dependentes da cultura, contextuais, interpretativas e pluralistas, mas sim, consideradas, absoluta e universalmente, verdadeiras para todas as pessoas, em todas as culturas, em todos os tempos.

"Por exemplo, o pluralista pós-moderno típico sustenta que existem poucas verdades, se é que alguma, que transcendem o contexto e que sejam universais e transculturalmente válidas. Em vez disso, toda verdade é construída intersubjetivamente; não é uma série de fatos, mas uma série de interpretações; todas as verdades situam-se em contextos culturais que moldam, ou até mesmo criam, a forma da verdade em determinado momento; portanto, a verdade não é uma questão de representar os fatos objetiva e corretamente (ou uma questão de representar um único mundo pré-determinado), mas é, sim, uma questão de entrosamento intersubjetivo no âmbito de uma determinada hermenêutica cultural

e prática social; e que, finalmente, conceitos de verdade, que se assevera serem universais, impõem seus valores particulares a todo mundo, o que resulta em opressão e repressão da riqueza pluralista do Divino.

"Mas, vejam, *todas essas asseverações* são consideradas verdadeiras para todas as pessoas, em todos os tempos, em todas as culturas. Elas são, literalmente, uma série de dezenas de afirmações de verdade (como a contextualização de todo conhecimento, o componente interpretativo de todo conhecimento, a intersubjetividade de todo conhecimento etc.) que são consideradas universais, absolutamente verdadeiras e vinculativas para todas as pessoas. Essas afirmações de verdade não são verdadeiras somente para aqueles que acreditam nelas. Elas não são meras interpretações que valem apenas para aqueles que as abraçam. Essas afirmações de verdade, em si mesmas, não contêm um pingão de pluralismo. Ao contrário, formam uma metateoria incrivelmente ampla, sofisticada e gerada cognitivamente sobre verdade e conhecimento, ligando completamente todas as pessoas, sem exceção, quer essas pessoas acreditem ou não, gostem ou não.

"E é por isso que, como Lesa ressaltou, esses esquemas pluralistas são, em geral, a base oculta do narcisismo – um conjunto pessoal de valores impostos aos outros, queiram ou não. Nesses teorizadores, o *impulso absolutista* é retirado das características explícitas de todo o conhecimento (que são consideradas como locais, dependentes do contexto e pluralistas) e, em vez disso, é ocultado nas características implícitas de todo o conhecimento (características que são consideradas verdadeiras para todas as pessoas em todas as culturas – isto é, assevera-se implicitamente que as características profundas do pluralismo transcendem o contexto e são transculturais, universais e absolutamente vinculantes).

"Em outras palavras, a metateoria cognitiva nas mentes desses pluralistas é considerada a única metateoria que deveria estar nas mentes de todo mundo, uma vez que é a única forma, verdadeira e correta, de ver o mundo. Além disso, esse absolutismo é apresentado de um modo que permite ao pós-modernista negar veementemente qualquer reivindicação absolutista – e difamar aqueles que, por acaso, proponham suas próprias meta-afirmações universais de maneira consciente, aberta e honesta.

"Porém, Foucault esgotou esse jogo de meta-afirmações, em seu livro *A Arqueologia do Conhecimento*, e percebeu sua natureza totalmente autocontraditória e arrogante – 'arrogante' foi sua palavra para ele. Os únicos teorizadores que ainda seguem esse absolutismo oculto, usado para condenar

brutalmente todos os esquemas alternativos, são alguns escritores americanos, por razões sugeridas em *Boomerite*.

"Devem essas abordagens, que acumulam tanto desprezo pelos outros, receber igual desprezo, usando-se uma dose de seu próprio remédio? Acho que cabe a cada um de vocês decidir. Os membros do *Centro Integral* têm debatido essa questão inúmeras vezes. Existe alguma outra forma de expor a extensão do desprezo não confessado desses autores senão mostrar ao mundo a extensão de sua indignação quando recebem uma pequena dose do desdém que diariamente conferem aos outros em grandes porções? Quem sabe? Certamente, não tenho nenhuma resposta agora.

"Mas notem uma curiosidade: essas abordagens, que são quase definidas pelo desprezo que acumulam sobre as alternativas, consideram qualquer tom de desprezo em outras pessoas como prova de arrogância. Por que não conseguem perceber que sua abordagem é desprezível até o âmago? A razão parece ser que elas encobrem seu desprezo (juntamente com sua postura absolutista) em suas meta-afirmações implícitas, onde se escondem de sua própria consciência. Seu pluralismo superficial oculta um absolutismo profundo, assim como sua bondade superficial esconde um desprezo profundo. Consequentemente, o que mais desprezam nas outras pessoas – seu absolutismo, seu universalismo, seu tom de desprezo – é o que elas próprias fazem secretamente: a chave para todas as projeções da sombra.

"Desnecessário dizer que, simplesmente, apontar esse fato é considerado o derradeiro ato de arrogância e desprezo. Oh, meu Deus, meu Deus." Joan fez uma pausa e ergueu os olhos. "Mas essa duplicidade ou opacidade quanto às próprias motivações profundas parece ser a razão pela qual, como Lesa ressaltou, o pluralismo, frequentemente, se torna o refúgio de boomerite, o refúgio de um narcisismo que deseja impor suas próprias metacrenças universais sobre outros, ao mesmo tempo que afirma não ter universais fortes de qualquer tipo significativo. Sua arrogância, absolutismo e profundo desprezo se escondem em uma metateoria cognitiva impingida ao mundo em geral, e no topo de toda essa bagunça encontra-se um *button* de rosto sorridente e um novo nascimento em liberdade – se, e somente se, vocês concordarem com *meus* metavalores.

"Assim, todas as experiências explícitas pelo mundo têm validade apenas se estiverem em conformidade com os contornos implícitos de minhas crenças. Isso provavelmente explica as intensas práticas de exclusão subjacentes a afirmações superficiais de inclusão. Ou seja, uma das marcas da espiritualidade boomerite é que, em nome da inclusão, ela exclui bastante. A tendência real de marginalização

desses teorizadores que afirmam nunca marginalizar pode ser vista na longa lista daqueles que são condenados energeticamente por eles. Já comentamos a triste e presunçosa rejeição a Abraham Maslow. Aqui está outro exemplo rápido: o trabalho de Stan Grof também é jogado na pilha de lixo do velho paradigma, junto com o pobre Abe e os indizíveis. Esta é uma postura especialmente estranha para o articulista em questão, uma vez que, tanto dentro quanto fora dos círculos transpessoais, ele é amplamente visto como bajulador de Grof; mas, aparentemente, ele agora tem um novo mestre" – e ela deu aquela risada fácil e gentil, sugerindo que não levou em conta seriamente essa fofoca. "Bem, não precisamos passar por essa questão de novo. Vimos isso repetidamente ao longo deste seminário sobre boomerite. Em especial, revejam a aula de Lesa, na qual ela descreve cuidadosamente as muitas formas por que esse tipo de pluralismo se tornou o principal refúgio teórico do narcisismo.¹³

"Mas a única boa notícia aqui, suponho, é que a astrologia não pode mais ser considerada como universalmente vinculatória para todas as pessoas, uma vez que uma crença em sua verdade universal seria negar uma pluralidade de fundamentos autênticos. A astrologia costumava ser vista como um esquema abstrato universalmente aplicável a todas as pessoas, mas agora percebemos que a tentativa de praticar astrologia é conduzida por um tipo de impulso de poder iluminista oculto, que tenta subordinar todas as pessoas a uma Verdade absoluta universal, que esmaga toda liberdade e tenta negar o Mistério do Divino ao categorizá-lo, em função de um medo profundo do caótico, espontâneo, divino Mistério. Visto que há apenas uma única pluralidade de fundamentos autênticos, a astrologia ainda funciona, mas, aparentemente, somente para aqueles que acreditam nela, o que é bom."

Joan sorriu calorosamente, ajeitou a blusa e voltou ao pódio. "OK, chega de ironias divertidas, almas queridas. Falando seriamente, a afirmação integral é simplesmente esta: aceitamos TODOS os tipos de abordagem pluralista, *até onde eles alcançam*. É claro que começamos por uma hermenêutica cuidadosa no âmbito do que é aceitável para o Outro. É claro que não tentamos impor metanarrativas ao Outro, que o Outro não imporá a si mesmo.¹⁴ É claro que o diálogo atencioso é o início de qualquer tipo de compreensão dialógica. É claro que há uma série de discursos multifocais e heterogêneos que não podem ser metanarrados. É claro que

¹³ Ver capítulo 9 de *Boomerite* e, em especial, o Apêndice ao final do presente texto (Nota 4 do capítulo 9 de *Boomerite*). (N.T.)

¹⁴ Ver "Quem Comeu o Capitão Cook?" (Adendo A do romance *Boomerite*, de Ken Wilber), em www.ariraynsford.com.br. (N.T.)

as enações¹⁵ hermenêuticas são baseadas na intersubjetividade participativa e não no empirismo intrapessoal. Na atualidade acadêmica, tudo isso não é realmente dito – tudo isso há muito se transformou em uma série de chavões pós-modernistas que dominam o discurso acadêmico há três décadas, o que não desmente sua importância, somente sua originalidade. É bem intrigante ver esses autores tropeçarem nesses chavões para, em seguida, expressarem admiração e espanto por serem os primeiros a realmente compreender tudo isso...

"O ponto é que aceitamos todos os fundamentos da abordagem pluralista – estou falando muito sério sobre isso – mas a abordagem integral vai um passo além e adiciona um entendimento de segunda camada: com a cooperação dialógica de sujeitos participativos que compartilham a hermenêutica de suas visões de mundo no âmbito do horizonte de sua própria autocompreensão (evitando assim metanarrativas), seguimos essas visões de mundo ao longo do tempo e do espaço; fazemos uma genealogia a partir das ondas que se desdobram.¹⁶ Isso ajuda todas as partes a traçarem mutuamente uma dialética do desdobramento histórico, observando tanto as boas quanto as más notícias de qualquer onda de intersubjetividade, subjetividade, objetividade e interobjetividade – que são simplesmente as dimensões que vibram no interior do horizonte de visões de mundo enagidas e cocriadas (para a enação e surgimento de visões de mundo, ver SES, começando por notas do capítulo 4, que incluem uma apreciação e uma crítica da versão interobjetivista de Varela do paradigma da enação). Tanto novas diferenciações quanto novas dissociações; tanto novas integrações quanto novas fusões; tanto novas expansões de cuidado e compaixão crescentes quanto novas formas de mesquinhez e superficialidade, tudo se desdobra para o olho hermenêutico dialógico, uma vez que ele se desvincula de uma hermenêutica estagnada de pluralismo estacionário *de facto* e libera-se para vagar pelos corredores da história, do tempo, da genealogia, do desdobramento, da temporalidade. Longe de um horizonte estático *flatland* de autênticos fundamentos fixos e rígidos, que não honram o Outro, mas, sim, paralisam o Outro em sua temporalidade, a hermenêutica dialética, dialógica, genealógica honra o Outro à medida que se vê desdobrando-se sobre os surpreendentes novos horizontes de um mundo florescente, brilhante, efervescente, historicamente ancorado.

¹⁵ *Enação*, neologismo cunhado pelos biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela a partir da expressão espanhola *en accion*, com o significado de "atuação". (N.T.)

¹⁶ Ver "Quem Comeu o Capitão Cook?" (Adendo A do romance *Boomerite*, de Ken Wilber), em www.ariraynsford.com.br. (N.T.)

"Infelizmente, essa *genealogia hermenêutica no âmbito de horizontes intersubjetivos* – o núcleo dos *insights* mais profundos do pós-modernismo – é uma postura que é marginalizada, reprimida, oprimida e agressivamente excluída pelo pluralismo *flatland*, uma violência que não precisamos compartilhar.

"Em suma, pluralismo mais história é genealogia. Os mais notáveis pós-modernistas sabiam disso, e quer vissem a história como um Ser obscuro ou como um Ser libertador, todos intuíram o fato básico de que ela passa julgamentos a respeito de si mesma sobre suas visões autoenagidas – de que outra forma os próprios pós-modernistas conseguiriam condenar (corretamente!) o patriarcado, a escravidão, a opressão feminina e assim por diante? Claro que a genealogia está capacitada a fazer julgamentos! É óbvio que escravidão e liberdade não são dois fundamentos espirituais igualmente válidos! Essa genealogia pode ser – e tem sido – abordada por meio de investigações intersubjetivas e interobjetivas [ver o livro *Kosmic Karma*, no prelo], mas a conclusão é, em última análise, a mesma: a História propriamente dita vai além do pluralismo e, portanto, a genealogia, ao honrar a história, vai além do pluralismo também. Como disse Carla, esses são, de fato, os dois principais caminhos da pós-modernidade: pluralista e genealógico; o último transcende e inclui o primeiro. Desse modo, a escolha é simples: aperspectivo-integral ou aperspectivo-fragmentado? Vocês escolhem....

"Permitam-me concluir simplesmente dizendo que *Revisioning Transpersonal Theory* é realmente um livro brilhante, que expressa a abordagem do meme verde para a espiritualidade, um tipo de samsara participativo equiparado ao nirvana. O livro ocasionalmente mergulha em construções amarelas quando busca escapar de suas próprias contradições performativas, mas retorna o mais rápido possível para um terreno verde seguro, à medida que o autor, vociferantemente, compartilha e cuida, o que é muito bom." Joan sorriu gentilmente. "Nenhum de seus princípios pós-modernos é original; nenhum aperfeiçoa, digamos, o trabalho de Hans-Georg Gadamer, e muito do livro é a teoria dos quatro quadrantes desprovida de ondas e correntes. Por outro lado, nunca a espiritualidade em si foi tão deformada energeticamente através do meme verde. Este livro teria um impacto significativo nos estudos espirituais do *mainstream* – seria um livro verdadeiramente inovador – se tivesse surgido há 30 anos. Como está, ele chegou em um momento em que até mesmo o *mainstream* se cansou do meme verde, a ponto de estar procurando desesperadamente por uma abordagem mais integral. Atualmente, a elite acadêmica está lutando por algo que ainda não consegue nomear; ela não sabe exatamente o que quer, mas sabe exatamente o que não quer: uma nova versão da ironia pós-modernista agora rotulada de

"absoluto" e "Divino". Se, e quando, ela tropeçará em um campo mais aperspectivo-integral dependerá do desdobramento da história do nosso tempo."

APÊNDICE

Nota 4 do capítulo 9 de *Boomerite*

"Torna-se cada vez mais óbvio que o pluralismo pós-modernista radical e o relativismo são o grande refúgio de boomerite."

Lesla Powell continuou (a partir das anotações de Kim):

"A resposta padrão dos pluralistas, quando confrontados com a contradição performativa, é afirmar que o pluralismo é uma autocontradição apenas se assumir-se, implicitamente, que os pluralistas perseguem uma agenda universal (para que possa se ter de fato um pluralismo não contraditório). Mas se for esse o caso, e os pluralistas não estiverem de fato defendendo uma validade universal para suas afirmações, então essas afirmações não são obrigatórias para mim ou para vocês e, portanto, podemos ignorá-las. De acordo com sua explicação tortuosa, suas afirmações não têm validade.

"Outra manobra comum dos pluralistas é alegar que o discurso pode ter objetivos diferentes além de, somente, verdade ou falsidade – tais como expressão, compreensão, ludicidade e 'junção'. Mas, é claro, esse é um ponto trivial totalmente aceito pelos filósofos mundicêntricos. O ponto em questão é a parte do discurso reconhecida como verdadeira, que os pluralistas devem abordar ou ignorar. Quando abordam a questão, eles, invariavelmente, asseveram que estão fazendo afirmações que são verdadeiras para todas as culturas – por exemplo, é verdade para todas as culturas que a realidade não é pré-dada, mas sim socialmente construída, que o conhecimento é interpretativo e não meramente representacional, e que os valores não são arquétipos platônicos eternos, mas moldados cultural e intersubjetivamente. O pós-modernista NÃO menciona que essas declarações são meras interpretações suas, não necessariamente verdadeiras para outros humanos em diferentes contextos culturais; não, ele afirma que elas são verdadeiras para todos os humanos em toda parte.

"Em outras palavras, todas são afirmações universais fortes: o pós-modernista afirma que todas as culturas estão sujeitas a certas verdades que transcendem o contexto. O pós-modernista faz dezenas de afirmações, que ele insiste serem verdadeiras e vinculativas para todos os humanos em toda parte, como a contextualização de todo conhecimento, o componente interpretativo de toda experiência, o aspecto relativo das perspectivas, a natureza pluralista dos valores, os múltiplos *loci* de eventos participativos e a historicidade de toda

verdade. Uma vez que todas essas são afirmações que transcendem o contexto, feitas por aqueles que insistem que não há afirmações que transcendem o contexto, então, todas elas envolvem autocontradições profundamente embutidas nas formas que Thomas Nagel, Colin McGinn, Jürgen Habermas, John Searle e Charles Taylor (entre outros) demonstram.

"Neste ponto, pluralistas espertos, percebendo que sua postura simplesmente não funcionará, recuam para teorias sobre metalinguagem. Não há, literalmente, nenhuma outra linha de ação aberta para eles, e eles sabem disso. Thomas McCarthy, respondendo à tentativa de David C. Hoy de segui-la, expôs em detalhes as dificuldades insuperáveis de tal jogada. A questão é se podemos prescindir de afirmações de verdade universais ou que 'transcendem o contexto'. Hoy – indiscutivelmente o intérprete mais hábil de Hans-Georg Gadamer na América e um ferrenho defensor do pluralismo – percebe que ele mesmo, definitivamente, faz afirmações universais ou que transcendem o contexto. Ele, pelo menos, não tenta negar, como a maioria dos pluralistas o fazem, tornando-o um dos poucos pluralistas honestos do planeta. Em vez disso, ele lança mão da metalinguagem a fim de sustentar sua afirmação, como Thomas McCarthy descreve e refuta sumariamente:

Hoy acha que podemos prescindir de todas as afirmações de verdade teóricas que transcendem o contexto? Não inteiramente. Ele reconhece a natureza "paradoxal" das afirmações "metateóricas" que constituem o cerne de sua [posição pluralista], pois elas, em si mesmas, são afirmações que transcendem o contexto sobre a natureza da verdade, significado, interpretação, historicidade e quejandos. Esse paradoxo é típico de argumentos contextualistas em geral. Hoy lida com o aparecimento de contradição distinguindo metateorias de teorias ou interpretações de primeira ordem. Enquanto as primeiras podem, convenientemente, alegar validade que transcende o contexto, as últimas não podem. Porém, essa alegação, em si mesma, depende da sua metateoria ser a correta e, portanto, não é o fim, mas o começo da discordância. Além disso, as considerações que Hoy apresenta em defesa de sua metateoria parecem ser alegações substantivas suspeitas sobre linguagem, interpretação e assim por diante. Isso não deveria ser nenhuma surpresa, pois há uma longa história de tentativas fracassadas de distinguir linguagem "meta" de linguagem "objetiva". O que temos, de fato, são dois relatos concorrentes e substantivos de certos aspectos da vida sociocultural, cada um alegando ser não apenas "verdadeiro para nós", mas "verdadeiro", ponto final'. E se essas alegações substantivas podem, legitimamente, aspirar à validade que transcende o contexto, não há razão óbvia para que outras também não possam. Nem a metateoria de Hoy é neutra com respeito a interpretações de "primeira ordem". Isso implica, por exemplo, que qualquer interpretação que falhe em reconhecer a variabilidade das formas, ou da vida,

ou da natureza interpretativa das visões de mundo e da autocompreensão é inadequada, pois entra em conflito com os *insights* centrais da metateoria (única correta). (David C. Hoy e Thomas McCarthy, *Critical Theory*, p. 240.)

"Em suma, conclui McCarthy, 'os pensadores pós-modernistas, invariavelmente, supõem muito do que negam' – isto é, aplicam a si mesmos exatamente o que condenam em outros. Indo além, alegam uma superioridade moral para essa hipocrisia. O que sugerimos é que boomerite oferece a estrutura efetiva para essa duplicidade: o narcisismo pré-formal oculto no pluralismo pós-formal permite que o ego culpe outros por aquilo que ele mesmo faz de uma forma amplamente inconsciente ou não reconhecida.

"(Ver o texto principal, 'Samsara Participativo', para uma extensa discussão sobre o que parece ser este autoengano profundamente oculto.)

"Não estou dizendo que todos os pluralistas sofrem de boomerite. Meu ponto é que boomerite proporcionou ao relativismo pluralista uma popularidade generalizada e uma carga emocional desproporcional ao seu mérito real, tornando quase impossível para seus crentes transcenderem para construções integrais de segunda camada.

"Uma alternativa para abraçar tanto o universalismo quanto o contextualismo – enagindo uma dança dinâmica, dialética e integrativa – é apresentada pelo autor do livro *Sexo, Ecologia, Espiritualidade* (SEE), que é um colega meu e membro do Centro Integral.¹⁷ SEE sugere três 'visões' ou 'verdades' básicas que precisam ser reconhecidas. A primeira é a Vacuidade, ou abertura radicalmente inqualificável; em seguida, no domínio manifesto, existem verdades universais ou mundicêntricas e verdades locais, particulares e contextuais. (Há, de fato, um espectro de perspectivas que vai do local ao universal: aquelas que são puramente individuais, aquelas que são compartilhadas por um grupo, compartilhadas por muitos grupos, compartilhadas por uma cultura, compartilhadas por muitas culturas, compartilhadas por todas as culturas – mas 'local' e 'universal' são os extremos gerais. Ver *Psicologia Integral* ¹⁸ para uma discussão dessa ideia.)

"Todas elas – Vacuidade, universal, particular – são uma parte importante de uma visão aperspectivo-integral. E observem que a Vacuidade em si não é nem

¹⁷ Referência a Ken Wilber, que é, ao mesmo tempo, o autor de SEE e o personagem principal do romance *Boomerite* (também de sua autoria), exemplificando a metalinguagem usada no romance. (N.T.)

¹⁸ Outra obra de Ken Wilber. (N.T.)

universal nem particular, nem absoluta nem relativa, nem infinita nem finita, nem universal nem contextual, porque é radicalmente inqualificável e não é captada por quaisquer opostos e dualidades (inclusive esta). Assim, em nenhuma hipótese, SEE apresenta um fundamentalismo ou um 'absolutismo'.

"O que a maioria dos pluralistas não reconhece é quanto conhecimento local e relativo é proporcionado pelos filósofos universais e mundicêntricos: a impressionante preponderância das ocasiões são locais e plurais. Mesmo Habermas, como ressalta McCarthy, 'restringiu consistentemente o foco de sua análise... a questões de verdade e justiça. Ele não afirma, e na verdade nega explicitamente, que suposições de universalidade se vinculem à crítica ou interpretação textual, ou a discussões sobre ética, política, identidade e a vida boa. Em tais assuntos, diferenças de contexto e perspectiva influenciam a forma e a substância do debate...' (p. 238). O ponto, novamente, é que certas características transcendem o contexto e são universais, mas a maioria de questões particulares não – e qualquer teoria que tente negar qualquer uma delas é quase certamente uma teoria inadequada.

"Uma réplica comum do pluralista é que ele acredita em universais, mas esses universais estão dialeticamente em jogo com todos os particulares, onde 'dialética', como realmente usada, simplesmente nega universais enquanto universais e, assim, prolonga o maior dos sonhos do pluralista: esmagar qualquer coisa universal que não seus próprios valores, que são – ou ele acredita que deveriam ser – verdadeiros para todas as culturas.

"Assim como a *SUNY Press* é a divulgadora de grande parte do pós-modernismo radical nos EUA, *Blackwell* o é na Grã-Bretanha. Desse modo, é fascinante constatar que seu mais recente *A Dictionary of Cultural and Critical Theory*, que seria de se esperar que estivesse repleto de princípios pós-estruturalistas pós-modernos, na verdade contém um ataque à *la* Thomas Nagel à maioria das teorias pós-modernas do construtivismo e do relativismo. 'Portanto, supostamente, conclui-se que toda conversa sobre verdade, seja nas ciências naturais ou nas ciências humanas mais teóricas, resume-se a uma escolha do tipo certo de metáfora (ou da estratégia retórica ótima) para avocar aprovação de outros envolvidos na mesma empreitada comunal. É compreensível que os cientistas considerem isso um relato implausível de como os avanços ocorrem por meio da aplicação conjunta da teoria e da pesquisa empírica. Daí o recente surgimento de abordagens causal-realistas ou anticonvencionalistas [universais e antissubjetivistas] que oferecem uma compreensão muito melhor da nossa apreciação sobre o crescimento do conhecimento. Afinal, parece haver pouco a

dizer sobre uma filosofia da ciência que, efetivamente, não deixa nada a ser explicado ao reduzir "ciência" a apenas mais uma variedade do esquema de jogo de linguagem preferencial, retórico, discursivo, conceitual ou o que seja. O atual renascimento de ontologias realistas indica uma ruptura com toda essa linha de pensamento mal direcionada – como ela agora se apresenta.'

"A conclusão de tudo isso é que uma ênfase forte, ou mesmo extrema, no pluralismo participativo é uma das principais formas de expressão do meme verde desta geração – e, portanto, o pluralismo participativo é um dos principais esconderijos de boomerite. Este tema é explorado detalhadamente no texto principal: 'Samsara Participativo: a Abordagem do Meme Verde ao Mistério do Divino'."